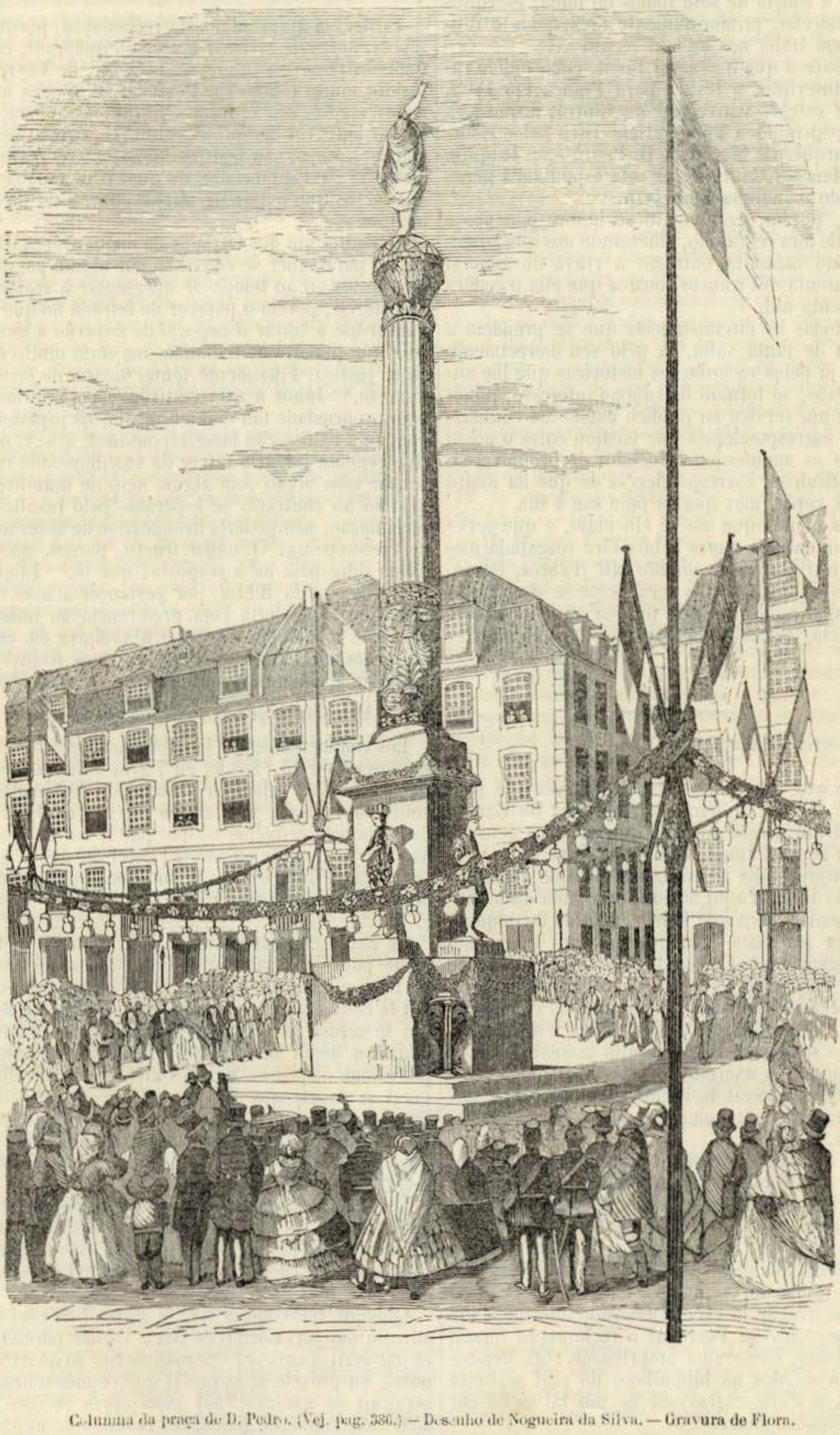


Columna da praça de D. Pedro. (Vej. pag. 386.) — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

A BIBLIA DOS JERONIMOS.

Uma das preciosidades que de novo se tem offerecido á curiosidade do publico, na exposição philanthropica estabelecida na sala do risco do Arsenal da Marinha, é a Biblia doada ao mosteiro de Belem

por el-rei D. Manuel no anno de 1517, hoje depositada no archivo nacional da Torre do Tombo.

Esta Biblia contém os commentarios de Nicolau de Lyra, e consta de sete tomos de folha, escriptos em pergaminho, primorosamente debuxados e illuminados em Italia nos fins do seculo xv.

Todos sabem que o general Junot, cobiçando o valioso manuscripto, o levára para França em 1808, depois da celebre convenção de Cintra, e que fôra por fim restituido a Portugal em 1815 pelos esforços do marquez de Marialva, D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, e pela espontanea generosidade do monarcha Luiz xviii.

O que, porém, geralmente se ignora é o preço por que elle fôra resgatado, affirmando uns que aquelle soberano mandára entregar á viuva do general Junot quarenta mil francos, outros que ella o cedêra por cincoenta mil.

Como todas as circunstancias que se prendem a uma obra de tanta valia, já pelo seu merecimento artistico, já pelas recordações historicas que lhe andam annexas, se tornam de summo interesse, julgâmos fazer um serviço ao publico dando-lhe conhecimento da correspondencia que mediou entre o nosso governo e os agentes encarregados de promoverem a sua restituição, correspondencia de que ha muito possuimos copia, mas que só hoje sáe á luz.

Um dos pontos que ahi se elucidam, e que serve ao nosso intento, é que a Biblia fôra resgatada mediante a retribuição de *oitenta mil francos*, isto é, pelo *dobro* da quantia que geralmente se suppõe haver sido applicada para esse fim por aquelle acto de munificencia, verdadeiramente real, de Luiz xviii.

J. C. de F.

Eis a correspondencia:

Illmo e ex.^mo^ sr. — Por communicação que propriamente me fez o marechal marquez de Campo Maior constou a este governo que entre os bens do espolio do general Junot, que a sua viuva poz á venda, se comprehendia a preciosa Biblia que o general seu marido tinha d'aqui levado, extrahida da bibliotheca do real mosteiro de Belem, a titulo de emprestimo, para ser vista pelo dito general, intervindo n'esta diligencia mr. Carion de Nisas, então ajudante de campo do mesmo general, e sonegada depois por este na occasião em que, por virtude da convenção de Cintra, foi positivamente reclamada a mesma Biblia, como souberam não só o dito marechal, então major general do exercito auxiliar britannico, mas egualmente o general Kellerman, ambos commissarios respectivamente nomeados para a execução da convenção.

Parece que, tendo-se suscitado alguns escrupulos em pôr a dita Biblia á venda publica, esta singular obra foi riscada da lista, e existe na posse da viuva do general Junot. O governo manda remetter a v. ex.^a^ a inclusa nota, que indica o numero dos volumes, e outros distinctivos pelos quaes facilmente poderá ser conhecido cada um volume, a fim de que v. ex.^a^ haja de encarregar ao agente nomeado interinamente para os negocios de Portugal a reclamação formal da dita Biblia, como uma propriedade real, depositada desde seculos na bibliotheca do real mosteiro de Belem, e d'elle extraviada de um tal modo por aquelle defuncto general.

Renovo a v. ex.^a^ por esta occasião as seguranças da minha invariavel estima e veneração.

Deus guarde a v. ex.^a^ muitos annos. Palacio do governo, em 18 de agosto de 1814. — Sr. marquez estribeiro-mór. — D. Miguel Pereira Forjaz.

Copia de uma parte do officio do conde de Palmella, dirigido de Paris ao marquez de Aguiar em 30 *de agosto de* 1814.

Tardei em apresentar esta reclamação, porque desejava, antes de arriscar um passo qualquer, colligir todas as possiveis informações... Mr. de Vayre, que residiu muito tempo em Portugal, e se acha actualmente empregado aqui na secretaria da guerra, veiu, com o louvavel desejo de promover a restituição do manuscripto ao seu legitimo dono, offerecer-me uma memoria circunstanciada, da qual tirei a maior parte dos factos que expuz na minha nota, e na memoria inclusa.

Consultei um dos letrados de melhor reputação em Paris, para saber se convinha dar algum passo juridico antes ou ao tempo de apresentar a reclamação ministerial; porém o parecer do letrado foi que devia limitar-me a tratar o negocio de governo a governo, pois que perante os tribunaes me seria muito difficil obter justiça. Finalmente tentei mesmo de fazer instigar m.^me^ Junot a que restituisse voluntariamente uma propriedade tão mal adquirida, na esperança de que, se a restituição fosse espontanea, s. a. r. o principe regente julgaria talvez da sua dignidade recompensar essa acção com algum acto de munificencia, quando ao contrario se esperasse pelo resultado da reclamação, não poderia lisongear-se de obter nenhuma recompensa. O unico fructo, porém, que tirei d'esta diligencia foi a resposta: que m.^me^ Junot não podia dispor da Biblia, por pertencer a seus filhos; mas que a venderia com preferencia ao nosso governo, e a indicação de que a avaliava em *cento e cincoenta mil francos*. N'estes termos resolvi-me a entregar a minha nota ao principe de Benevente.

Memoria a que se refere o officio supra.

Les commentaires de la Bible par Nicolas de Lyra, manuscrit du 15.e siècle, en 7 gros volumes in folio, en parchemin, reliés en veau, avec des fermoirs et coins en vermeil, aux armes du Portugal, et avec des sphères (emblême adopté par le roi D. Manoël) doivent se trouver encore à l'hotel du duc d'Abrantès, et dans tous les cas la succession doit savoir où cet ouvrage a pu passer.

....

Ce manuscrit est un monument national et historique pour le Portugal; il était déposé au couvent de Belém, bâti par le roi D. Manoël. Le général Junot le convoita et le fit demander à l'abbé de Belém, qui le réfusa et donna pour motif que cet ouvrage était un dépôt dont ni lui, ni sa communauté ne pouvaient disposer. Mr. Geoufre beau-frère du général se représenta au couvent accompagné du sr. Piton, officier de la garde de police, et requit que les manuscrits en question lui fussent remis pour quelques jours seulement, comme objet de curiosité à montrer au général en chef.

La réponse du prélat fut qu'un décret spécial lui défendait de les laisser sortir de la bibliothèque, et lui enjoignait de ne céder qu'à un ordre signé par le souverain (*carta regia*) excluant expréssément à cet égard tout ordre ministeriel — *avisos*. —

Quelque tems après mr. le général en chef Junot adressa par mr. Carion de Nisas l'ordre péremptoire et par écrit d'envoyer ces manuscrits au quartier général, en prévenant le prélat que ce même ordre lui servirait de garantie. Six mois après et vers le 24 aôut mr. l'abbé de Belém les revendiqua auprès du général Junot; ne recevant point de réponse le prélat multiplia des démarches infructueuses: enfin en désespoir de cause il s'adressa au commité établi pour les réclamations. Ce commité chargea mr. le colonel anglais Trant de faire le nécessaire pour forcer le duc

d'Abrantès à la restitution des manuscrits. Le colonel Trant rapporta au commité qu' ayant été trouver le duc à bord de la frégate où il était déjà embarqué pour son retour en France, celui-ci avait répondu que cette réclamation était tardive, donnant sa parole de chevalier que les Commentaires de la Bible étaient partis pour France sur l'*Aviso* expedié pour y porter la convention de Cintra.

Cette déclaration a été démentie par l'ouvrier *José Aniceto Rapozo*, qui fut chargé d'encaisser les dits Commentaires la veille du départ du duc d'Abrantès. Quoi qu'il en soit, ces Commentaires étaient dans la bibliothèque du duc à l'époque de son décès: ils n'ont cependant pas été portés sur le catalogue de la succession.

Cet ouvrage avait été signalé au gouvernement, et après la mort du duc d'Abrantès on avait fait des dispositions pour qu'on ne le fit pas disparaître. Il passe pour constant que Napoléon avait donné l'ordre au duc de Rovigo de faire prendre les Commentaires de Nicolas de Lyra et de les faire placer à la bibliothèque impériale. Le duc de Rovigo n'aura pas eu le tems de l'exécuter.

On est fondé à croire que la crainte des justes réclamations de la part des agens du gouvernement portugais a porté le conseil des héritiers du duc d'Abrantès a ne pas laisser mettre cet ouvrage sur le catalogue de la bibliothèque du défunt, et que le même motif fait qu'on le tient caché; mais on est en droit d'en demander compte, et si l'on avait besoin de témoignages on pourrait recourir à plusieurs personnes qui depuis la mort du duc ont vu cet ouvrage, et qui n'auront pas de difficulté à faire leur déclaration.

Illmo e ex.^mo^ sr. — Tenho a satisfação de annunciar a v. ex.ª a restituição da Biblia do mosteiro de Belem, que o marquez estribeiro-mór zelosa e efficazmente promoveu, conseguindo-a por via do conde de Blacas d'Aulps, ministro da casa real. O conde de Palmella começou esta reclamação, entregando uma memoria mui energica ao principe de Talleyrand, que sempre declinou responder, entretanto que a viuva Junot pretendia que s. a. r. lh'a comprasse por subido preço. Para obviar os inconvenientes do silencio ministerial.... recorreu o marquez de Marialva á intervenção do conde de Blacas, para fazer constar a el-rei o valor e as circunstancias d'esta reclamação. Sua magestade reconheceu a nossa justiça, e ordenou ao seu ministro que comprasse da viuva Junot a dita Biblia, pois sem averiguar a natureza do titulo por que ella a possuia, não queria prejudicar os orfãos (a Biblia achando-se no inventario), e muito menos consentir em uma espoliação tão injuriosa ao credito de um general francez.

Assim m'o communicou o conde de Blacas, pedindo-me demorasse a Biblia alguns dias na sua mão, para el-rei a examinar, e por isso lhe communiquei a nota descriptiva que v. ex.ª mandára com um officio ao marquez estribeiro-mór, e deu motivo ás duas cartas de que mando copia a v. ex.ª Na sua resposta exprime este ministro tanto os sentimentos, como a politica d'este soberano, e é para sentir que as circunstancias actuaes da monarchia não permittam o resarcir-se a maior parte dos damnos causados pelo precedente governo.

Deus guarde a v. ex.ª — Paris 1.º de dezembro de 1814. — Illmo e ex.^mo^ sr. D. Miguel Pereira Forjaz. — Francisco José Maria de Brito.

Illmo e ex.^mo^ sr. — Tenho a satisfação de annunciar a v. ex.ª que as diligencias do marquez estribeiro-mór com o conde de Blacas, para a restituição da Biblia do real mosteiro de Belem, foram bem succedidas, porque me foi entregue por este ministro a 3 do corrente. El-rei não quiz interpor a sua auctoridade para que a viuva Junot a entregasse, e sem profundar o motivo por que se achava no inventario do marido, só quiz beneficiar os orfãos, mandando compral-a por mr. de Blacas, que deu por ella trinta e dois mil cruzados, valor de oitenta mil francos. Avisando-me de a ter em seu poder, me pediu demoral-a alguns dias, porque el-rei e a familia real desejavam examinar este precioso manuscripto, o que deu logar ás duas cartas que ajunto a este officio.

Deus guarde a v. ex.ª — Paris 21 de dezembro de 1814. — Illmo e ex.^mo^ sr. marquez de Aguiar. — Francisco José Maria de Brito.

....

A communicação que v. s.ª me faz, do modo por que a Biblia do mosteiro de Belem vae ser-lhe restituida, excitou a mais particular e justa admiração dos governadores do reino, pela maneira delicada e generosa com que sua magestade christianissima quiz obviar as difficuldades que poderiam offerecer-se para a dita restituição. Os mesmos governadores me mandam recommendar a v. s.ª de fazer chegar ao conhecimento de sua magestade os seus respeitosos comprimentos por este tão assignalado acto de munificiencia verdadeiramente real, e que é do seu dever levarem á noticia de s. a. r.

Deus guarde a v. s.ª — Palacio do governo, em 10 de janeiro de 1815 — Sr. Francisco José Maria de Brito. — De v. s.ª muito attento e fiel venerador — D. Miguel Pereira Forjaz.

Pelo correio de gabinete, Pedro José Vieira, encaminho por Inglaterra a Biblia do real mosteiro de Belem, que as diligencias do marquez estribeiro-mór conseguiram se restituisse a Portugal. Eu já tive a honra de participar a v. ex.ª que el-rei a comprára á viuva Junot por trinta e dois mil cruzados, e ajunto a este officio a minha carta e resposta de mr. de Blacas, em que tive a fortuna de exprimir com anticipação áquelle ministro o justo reconhecimento dos srs. governadores do reino. Bem quizera reparar os estragos que ella experimentou andando por mãos militares, como desenrugar muitas folhas, pôr-lhe novos feixos, e concertar e encadernação; mas o melhor artista que aqui ha, e se chama Bozerian, me desconselhou, por ser preciso desencadernal-a e arriscar pela communicação do ar o mareio das pinturas, e o brilho do ouro. Muita gente curiosa a veiu ver a minha casa, e todos admiraram a belleza dos desenhos, e a excellente conservação do manuscripto.

Deus guarde a v. ex.ª — Paris 19 de março de 1815. — Illmo e ex.^mo^ sr. D. Miguel Pereira Forjaz. — Francisco José Maria de Brito.

INDICIOS PROVAVEIS DO TEMPO.

(Continuado de pag. 324).

PROGNOSTICOS PELOS METEOROS.

Estes prognosticos podem fazer-se pela inspecção das nuvens, das nevoas, da chuva, da neve, do orvalho, do vento, do trovão, do relampago, das estrellas candentes, do arco-iris, e das auroras boreaes.

Pelas nuvens.

Independentemente do que dissemos d'estes meteoros, em relação aos astros, nuvens vermelhas de manhã, na região oriental, e de tarde na occidental; — nuvens em grande numero, que se amontoam em camadas espessas, em tempo claro, ou que correm rapidamente em tempo coberto; — muitas nuvens isoladas, mas negras e obscuras, que correm apressadas nas regiões altas em tempo sereno; annunciam chuva.

Quando, em tempo sereno, as nuvens se grupam em flocos, signal de bom tempo duravel.

Nuvens arredondadas, e como penachos, annunciam chuvas ligeiras e de pouca duração.

De inverno, e em tempo gélido, nuvens escuras, passando no horisonte, annunciam desgêlo.

Nuvens numerosas são communmente precursoras de ventos do sul.

Quando as nuvens altas caminham em sentido opposto ao vento que sopra sobre a terra, póde esperar-se mudança na direcção do vento.

Nuvens encarneiradas, annunciam de verão vento, de inverno neve.

Pelas nevoas.

A apparição de nevoas de manhã indica as mais das vezes, que vae vir bom tempo, com temperatura mais fria; se as nevoas vem ao meio dia, são geralmente signal de chuva.

Nevoa que apparece em bom tempo, e que sobe em nuvem, quasi sempre annuncia máo tempo: pelo contrario, nevoa que vem durante chuva, annuncia de ordinario cessação de máo tempo.

Quando por grandes calores se vêem subitamente nevoas espessas reunirem-se em massa sobre certos pontos, é quasi sempre signal de tempestade e chuva; mas quando estes mesmos vapores apparecem em dias frescos, e duram mais de um dia sem se dispersarem, signal de sêcca.

Nevoas que se elevam e param sobre as correntes, são quasi sempre seguidas de máo tempo; mas as que se elevam sem pararem, são pelo contrario signal de bom tempo.

Nevoa, depois de mui grande frio, signal de desgêlo.

Pela chuva.

Se, quando a chuva cae, faz bexigas sobre a agua, signal de que ainda choverá muito tempo e abundantemente.

Se no fim apparente de uma chuva se vêem perto da terra nuvens, parecendo fumo, signal certo de que a chuva será de longa duração; mas quando em tempo chuvoso as nuvens se separam e descem até mui perto da terra, parecendo rolar sobre os campos, signal de renovação de bom tempo.

Quando um orvalho ou chuveiro se converte em chuva real, póde-se esperar ver em breve dissipar as nuvens, porque passou a causa principal da chuva, que se determinou pela precipitação.

Pela neve.

Quando, depois de tempo chuvoso, principalmente no outono, o cimo das montanhas parece coberto de neve, póde esperar-se vêl-a em pouco tempo cair nos valles.

Quanto mais os cristaes da neve são regulares, e suas faces solidas, tanto maior será o frio que se seguirá á neve; e, por consequencia, quanto mais irregular, floculosa e leve é a neve, tanto mais annuncia que o frio durará pouco.

O granito, ou neve miuda, annuncia frio mais forte, e principalmente mais prolongado do que a neve grossa.

Pelo orvalho.

Quando em tempo claro e sereno não tem orvalhado, nem a temperatura diminuido sensivelmente, é mui provavel que venha chuva pelo dia adiante.

É raro haver duas noites seguidas sem orvalho; mas, quando isso se dá, a chuva que cae depois é mais consideravel.

Pelo vento.

Ventos de léste annunciam tempo sêcco e sereno.

Ventos de oéste annunciam tempo humido e chuvoso.

Ventos do norte annunciam de verão tempo sêcco, de inverno frio: ventos do nordeste, tempo ainda mais sêcco de verão, e gélido de inverno: ventos do noroeste em todas as estações, chuvas frias passageiras, aguaceiros, e neve.

Ventos do sul annunciam tempo quente e humido: ventos de sueste mais calor e sêcca: ventos de sudoeste sempre mais humidade, com calor, e por consequencia tempo mais fresco de verão, e mais morno de inverno.

Ventos que começam a soprar durante o dia duram mais, que os que começam de noite.

Quando não ha vento nenhum, quando o horisonte está limpo de nuvens, signal de bom tempo: entretanto, quando ha falta absoluta de vento, mas ha calor excessivo, deve temer-se tempestade.

Mudanças subitas de vento, quando são mui frequentes e sem descontinuarem, annunciam trombas e borrascas.

Em dias quentes e serenos pequenos redemoinhos annunciam que se prepara tempestade.

As tempestades mais violentas vem quasi sempre dos ventos do norte, e são então acompanhadas das maiores chuvas.

No comêço da primavera os grandes ventos que occasionam tempestades precoces trazem de ordinario comsigo tempo frio.

Quando venta léste no comêço do gêlo, dura este estado muito mais tempo, do que quando começa com outros ventos.

Quando de inverno e em tempo gélido os ventos sopram como por ondulação, são de ordinario signal de desgêlo.

Geralmente ventos que sopram ás rajadas não duram muito.

Pelo trovão.

Trovão de tarde annuncia quasi sempre tespestade proxima.

Trovão ao meio-dia promette chuva em seguida.

Trovão de manhã, precursor de grandes ventos.

Quando o trovão se prolonga por um certo tempo, ainda que se não faça ouvir senão por intervallos mui distantes, annuncia borrasca e tempestade proxima; e quasi sempre, quanto maiores são os intervallos que ha entre os rebombos do trovão, tanto mais a tempestade, ainda que retardada, se mostra temivel no momento em que rebenta.

Pelos relampagos.

Quando em tempo quente e nebuloso se vêem relampagos altos, é signal quasi certo de aproximação de tempestade; mas quando, pelo contrario, ainda que em tempo quente, sereno, e sem nuvens, os relampagos se aproximam do horisonte, é quasi sempre signal de bom tempo.

Comtudo, se, nas mesmas circunstancias, os relampagos se repetem mui seguidos, e o calor vae sempre augmentando sem nenhuma agitação no ar, a despeito da serenidade apparente, deve esperar-se tempestade.

Geralmente, em occasião de tempestade, pelos diversos intervallos de tempo que ha entre muitos relampagos e muitos trovões, se póde conhecer, se o trovão se aproxima ou distancía, isto é, se a tempestade augmenta ou diminue para nós.

Pelas estrellas-candentes.

Quando se vêem correr na atmosphera e na mesma noite muitos d'estes globos luminosos, que se chamam estrellas-candentes, são quasi sempre prenuncios de proxima decomposição do ar, e por consequencia signaes de mudança de tempo.

Pelo arco-iris.

O arco-iris simples vem de ordinario no fim da chuva; mas quando, depois da chuva, apparece bem colorido e dobrado, annuncia frequentemente que a chuva recomeça.

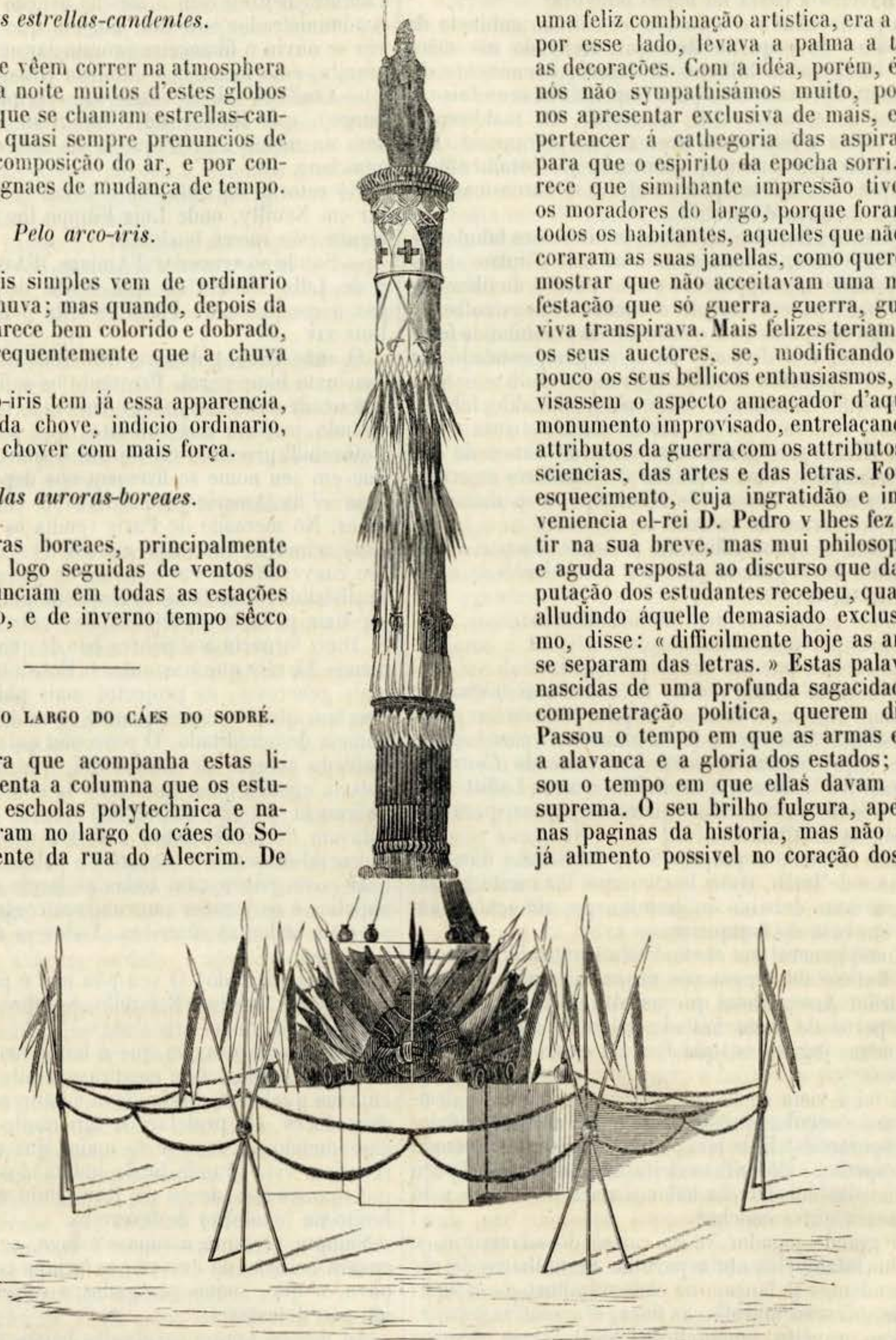
Se o arco-iris tem já essa apparencia, quando ainda chove, indicio ordinario, de que vae chover com mais força.

Pelas auroras-boreaes.

As auroras boreaes, principalmente quando são logo seguidas de ventos do norte, annunciam em todas as estações tempo sêcco, e de inverno tempo sêcco e frio.

COLUMNA NO LARGO DO CÁES DO SODRÉ.

A gravura que acompanha estas linhas representa a columna que os estudantes das escholas polytechnica e naval levantaram no largo do cáes do Sodré, em frente da rua do Alecrim. De uma feliz combinação artistica, era a que, por esse lado, levava a palma a todas as decorações. Com a idéa, porém, é que nós não sympathisámos muito, por se nos apresentar exclusiva de mais, e não pertencer á cathegoria das aspirações para que o espirito da epocha sorri. Parece que similhante impressão tiveram os moradores do largo, porque foram de todos os habitantes, aquelles que não decoraram as suas janellas, como querendo mostrar que não acceitavam uma manifestação que só guerra, guerra, guerra viva transpirava. Mais felizes teriam sido os seus auctores, se, modificando um pouco os seus bellicos enthusiasmos, suavisassem o aspecto ameaçador d'aquelle monumento improvisado, entrelaçando os attributos da guerra com os attributos das sciencias, das artes e das letras. Foi um esquecimento, cuja ingratidão e inconveniencia el-rei D. Pedro v lhes fez sentir na sua breve, mas mui philosophica e aguda resposta ao discurso que da deputação dos estudantes recebeu, quando, alludindo áquelle demasiado exclusivismo, disse: «difficilmente hoje as armas se separam das letras.» Estas palavras, nascidas de uma profunda sagacidade, e compenetração politica, querem dizer: Passou o tempo em que as armas eram a alavanca e a gloria dos estados; passou o tempo em que ellas davam a lei suprema. O seu brilho fulgura, apenas, nas paginas da historia, mas não acha já alimento possivel no coração dos po-



vos. Hoje, sem paz, sem liberdade, sem imprensa, sem artes, não ha reino que possa ser duradouro.

N. S.

DIOGO ROTHSCHILD.

(Continuação).

Seguro da sua força, Diogo desprezava os apoios da imprensa, dizendo bem alto a quem o queria ouvir, que se um dia carecesse dos jornalistas, tel-os-hia todos, no mesmo dia e na mesma hora, pagando-os.

Menos orgulhoso entretanto quando teve que organisar o emprestimo de 1845, dignou-se convidar ao rico banquete do premio uma infinidade de pessoas, de quem esperava serviços, ou de quem temia ataques; e até enviou, não sabemos quantas acções, a m.me de Girardin, a *decima musa* franceza, tão cedo morta para as letras e para a gloria; manobra fina, que impediu a aggressão do marido, Emilio de Gerardin, na *Presse*. Tambem Balzac obteve um numero consideravel, porque o banqueiro Nucingen se parecia, feição por feição, com Rothschild; e esperava-se que n'uma segunda edição, o romancista modificasse aquella espirituosa e sangrenta critica; o

que nunca succedeu, antes vendeu as acções na bolsa, liquidou quatro mil escudos, e viajou seis mezes na Baviera á custa do barão israelita!

Aquella chuva d'ouro até foi cair no gabinete de trabalho do pequeno Rémusat. Achando nas mãos dez inesperados bilhetes de banco, o eminente diplomata aproveitou-os para imprimir os seus dois volumes de estudos sobre Abeilardo. Os maldizentes não viram n'isso senão pretexto a epigrammas. Declararam que o assumpto entrava absolutamente na competencia do escriptor; e chuva de sarcasmos succedeu á chuva d'ouro.

Quanto a Rothschild, esse teve interesses fabulosos. N'este caso, como n'uma infinidade d'outros, a generosidade não apparecia senão para o auxiliar depois mais poderosamente a encher os seus cofres.

Logo após obteve a concessão do caminho de ferro do Norte, e o demonio da agiotagem, evocado por elle, se apoderou de toda a França.

Os que visitaram a bolsa n'aquelles dias febricitantes, poderam ter no fim de cento e trinta annos idéa exacta das gentis manobras do banco da rua Quincampoix. Uma multidão de jogadores se arrancaram novos coupons do Mississipe, e os manes de Law tremeram no tumulo.

D'esta vez prodigalisaram as acções ao par. O jornalismo teve grande parte, e estabeleceu-se a seguinte tarifa:

Cinco acções por uma noticia diversa:

Vinte por um communicado:

Cincoenta por um artigo principal.

O amavel doutor Véron taxou-se a si mesmo, e intimou Nucingen-Rothschild para lhe mandar cento e sessenta. Reduziram-lhe o numero a cento e vinte. Que imprudencia! A parte mais alta do *Constitutionnel* fez troar a sua artilheria, e a rua Laffitte correu a outorgar-lhe mais quarenta acções, para pôr termo ás hostilidades.

Em resumo, o proprio Sax, fabricante d'instrumentos de latão, como homem que faz muita bulha, achou duas debaixo do guardanapo, almoçando um dia em casa do banqueiro.

Como general em chefe d'esta campanha financeira, Rothschild tomou nos despojos opimos a parte do leão. Assegura-se que na alta do banco se dividiu perto de meio milhar, saido da algibeira dos pequenos jogadores, que ficaram quasi todos arruinados.

E foi á vista de todo o mundo, em meio do decimo nono seculo, que se fizeram aquellas escandalosas operações! E as leis param, impotentes, quando o despotismo do milhão deita os seus saccos d'ouro n'uma das conchas da balança para levar com mão segura a outra concha!

O grande jogador vê as cartas do adversario, e ganha infallivelmente a partida. Se milhares de rãs imprudentes se lançam no charco impuro da especulação, o corvo marinho as fisga, e nenhuma escapa.

Bom proveito, senhor Rothschild! Estaes no vosso direito. Não ha que vos dizer. Abram o codigo, e mostrem um unico artigo, que impeça o milhão insolente de triumphar quando quer, e de tornar escravas suas todas as alternativas felizes. Por isso que ruinas se não tem consummado, e consummarão ainda! A multidão cáe cegamente no laço, e nenhuma das lições do passado aproveita ao presente. Especulae, meus senhores, especulae. Não vos preoccupeis com a fortuna honesta, que se adquire lentamente, na estrada real da probidade e da honra. A industria, o commercio, a agricultura, que valem!

Ide cortejar o premio nos declives escarpados da baixa, ou nas elevações deslumbrantes da alta. Lançae-vos no charco, pobres rãs, que tarde ou cedo o corvo vos engulirá!

A inauguração do caminho de ferro do Norte foi feita com uma pompa extraordinaria. O arcebispo de Cambrai benzeu com a mesma benção a nova via, e o administrador israelita. Foi alli que pela primeira vez se ouviu o financeiro pronunciar em publico uma arenga, cujo laconismo admirou Grassot.

— Confesso (dizia então este coripheu do calimburgo), que Rothschild é um triste *sire*, mas devem ao menos convir que é um *sire com siso* (circumciso).

No retorno da festa, foi o barão convidado a jantar em Neuilly, onde Luiz Filippe lhe dirigiu seriamente este *speech* burlesco:

— Saude ao vencedor d'Amiens, d'Arras, de Douai, e de Lille! Saude ao que acaba de renovar pela paz a conquista de Flandres feita pelas guerras de Luiz XIV....

O anno 1846, pobre em colheitas, ameaçava 1847 com uma fome geral. Prevendo os soffrimentos que iam accommetter o povo, e receando pela sua burra quando pensava nos tumultos que podiam nascer, Rothschild procurou esconjurar o sinistro, e ordenou que em seu nome se fizessem nos depositos da Europa e da America, consideraveis compras de cereaes. No mercado de Paris vendia os trigos e farinhas acima do custo: os ganhos d'esta vasta operação convertiam-se em bilhetes de pão gratuito, que se distribuiam ás familias necessitadas de cada bairro. Uma padaria especial estabelecida na Capella de S. Diniz fornecia aos pobres pão de quatro libras por menos 24 réis que nas outras. Entretanto os planos mais generosos, os projectos mais philanthropicos, abortam quasi sempre quando sáem da cabeça d'um homem desacreditado. O povo não quiz crer na bondade do coração de Rothschild, que, informado na mesma epocha pelos membros da commissão de beneficencia do 12.º bairro, de que os pobres d'elle estavam dormindo sobre a terra, não achára para soccorrel-os senão um carro de palha!

O povo gritou com todas as forças contra o monopolio, e os jornaes imprimiram contra Rothschild as mais violentas diatribes. Todos os dias repetiam á França:

«Tomae sentido! O seu pão não é pão: a sua farinha não é farinha! E farello, é gesso; é vidro moido, misturado com arsenico.»

Outros asseguravam que o barão mandava vir farinhas avariadas, que comprava muito em conta, e cuja má qualidade dissimulava misturando-lhe amendoas doces. Os proletarios, ignorando que o preço das amendoas é tres vezes maior que o da farinha, repetiam esta grande burla indignados e convictos.

As amendoas doces de Rothschild entraram por muito na revolução de fevereiro.

Sempre prompto a soprar o fogo, o *Nacional* accusava o barão de amassar a farinha com o suor do povo, o que, somos obrigados a convir, devia dar um pão detestavel.

Ao mesmo tempo surgia dos baixos da litteratura uma multidão inaudita de libellos difamatorios, que faziam expiar a Rothschild o erro de se mostrar tão tarde sensivel ás miserias do pobre. Havia n'isto uma providencia celeste. Deus não tolera que o egoismo e o medo se cubram impunemente com o manto da caridade. Um d'aquelles libellos intitulado *Os judeus reis da Europa*, foi avidamente lido, inda que por nenhum modo o merecia. Um outro, que se intitulava *Historia de Rothschild* I, pamphleto sem estilo e sem espirito, suscitou nas salas da rua Laffitte uma indignação profunda.

— Não póde deixar de ser judeu quem escreveu este livro! (exclamava Salomão). Nunca tivemos desgostos senão com elles.

— Daria de boa vontade mil francos para conhe-

cer o auctor (dizia Affonso, filho mais velho do barão Diogo).

— Nada é mais facil, meu sobrinho (lhe tornava o primeiro). Annunciae-o, e se for judeu, aposto que elle mesmo virá buscar o premio.

Ao passo que o espirito publico agradecia assim a philanthropia mais ou menos sincera de Rothschild, elle perdia na realidade uma somma consideravel. Mas os seus inimigos negavam intrepidamente esta perda. Entregaram-se mesmo a calculos profundos para demonstrar que o commercio das farinhas havia ainda engordado o Pactolo.

Quando o banqueiro vendeu á municipalidade parisiense o terreno destinado á construcção do hospital Luiz Filippe, o *Constitutionnel* deu sua palavra de honra, que o filho de Moysés lhe tirára primeiro toda a terra vegetal!

Contavam d'elle historias que teriam affligido grandemente o proprio Harpagão, se se tivessem referido a elle. Eis a mais authentica. Em 1843 Rothschild teve a fantasia de se fazer retratar por Horacio Vernet, o grande e popular artista francez. Procurou-o, e perguntou-lhe o preço.

— Para vós, sr. barão (lhe respondeu Vernet), são 640.000 réis.

— Diabo!... E isso por duas ou tres más pinceladas!... Parece-me caro.

— Ah! commerciaes com as artes! (disse o pintor encolhendo os hombros). Pois bem: agora só por oitocentos mil réis, nem menos um real.

E, como Rothschild soltasse um grito de admiração, continuou:

— E se dizeis mais uma palavra, triplico a somma. É pegar ou largar.

O barão saiu dando signaes de medo, suppondo que estava em casa d'um endemoninhado.

— Escuta, escuta! (lhe gritou o pintor). Agora por cousa nenhuma te faria o retrato!

Vernet cumpriu a palavra. Todos podem ver no quadro de *la Smala* aquella cabeça de judeu espantado, que foge, levando uma caixa com ouro e pedrarias. A figura d'este judeu, onde tão bem luctam o medo e a avareza sordida, é absolutamente a de Rothschild.

Mesmo Luiz Filippe teve muitas vezes que queixar-se do banqueiro, que tratava o rei da sua predilecção como o primeiro devedor que chegasse, sem lhe mostrar mais attenções nem mais confiança. Até lhe exigia que as sommas emprestadas fossem garantidas com primeira hypotheca nos bens de m.me Adelaide.

Todos estes pormenores eram conhecidos; todas estas anecdotas corriam o mundo.

O barão Diogo acabou por ser tão mal visto da burguezia parisiense, que Jacques Lefebvre, o honrado director do banco de França, experimentou uma derrota eleitoral nos Petits-Pères, unicamente porque sabiam que era amigo do banqueiro.

A revolução de 1848 gelou de terror a casa Rothschild. Encoberta a principio surdamente com o véo da reforma, a republica mostrou-se em fim á luz do meio dia. Rothschild soube que o tumulto lhe queimava as propriedades. Adivinhando que a fuga seria o rebate dado a uma confiscação irrevogavel de todos os seus immensos bens, teve a coragem que a situação pedia. O amor do ouro triumphou do medo. Acariciou o papão popular, para conseguir que não comesse tudo.

Em 1830 não dera mais que dois contos e quatrocentos mil réis, e era já muito, quando ninguem o ameaçava. Em 1848, porém, subscreveu com oito contos de réis a favor dos feridos e operarios sem trabalho. Além d'isto seu filho Affonso, que chegava á maioridade, apressou-se em escrever ao governo provisorio para reivindicar o titulo de cidadão francez.... patriotismo nobre, adhesão sincera, que a historia não esquecerá!...

Affirma-se que no momento em que Diogo, tomado de temor, hesitava entre os seus milhões e a salvação da sua pessoa, que julgava ameaçada, Marco Caussidière se apresentou na rua Laffitte, e lhe disse:

— Cidadão Rothschild, nada de medo! Eu respondo por ti.

O banqueiro sonhou toda a noite com a fita vermelha d'este homem, com as pistolas que lhe vira presas á cinta, com o grande sabre de cavallaria que lhe batia nos calcanhares. Entretanto no dia seguinte, vendo que se tinha providenciado para pôr a abrigo de ataque, não só o seu palacio, mas tambem as propriedades que tinha nas visinhanças da capital, entre outras duas magnificas, Suresnes, e Ferrières, comprehendeu que o prefeito da policia não lhe dissera palavras vãs.

Menos d'um anno depois Marco Caussidière, chegando a Londres proscripto e sem recursos, recebeu de Paris a seguinte carta:

« Senhor. — Consenti que ponha á vossa disposição uma somma de quatro contos e oitocentos mil réis. Este pequeno capital vos ajudará a emprehender alguma industria na dura terra do exilio. Pagar-mo-heis em dez annos, em vinte annos, quando quizerdes. É um fraco testimunho de reconhecimento aos grandes serviços que prestastes ao paiz. Sou todo vosso — *Rothschild.* »

Como o felicitassem por este rasgo de gratidão, elle lhe destruiu o effeito com esta resposta:

— O diabo nunca se vence. Quem sabe? Talvez o vejamos voltar ainda.

Sempre a generosidade encapotando a previdencia, sempre o egoismo ao lado da bondade!

É hoje cousa perfeitamente reconhecida, que em 1848 o governo provisorio podia arruinar Rothschild. Poucos mezes antes da quéda de Luiz Filippe tinha o barão subscripto um emprestimo enorme, do qual só entrára com uma oitava parte. Goudchaux, ministro das finanças, o desligou do compromisso, e o indemnisou da baixa enorme experimentada em fevereiro. Judeus não se comem uns aos outros.

Marco Caussidière com quatro contos e oitocentos mil réis de Diogo Rothschild, fundou em Londres um deposito de vinhos e aguas ardentes. Ainda bem que a sorte favorece este republicano honesto, que está no caminho de enriquecer, e ha muito pagou o que o barão lhe emprestára.

O autocrata das finanças recebia frequentemente em Ferrières o presidente da republica. Um dia, quando já estavam brigados, Luiz Napoleão encontrou lá o general Changarnier. Fôra Rothschild que dispuzera este encontro, suppondo poder representar o papel de conciliador.

Depois de duas ou tres voltas de passeio no parque, rompeu o silencio.

— Ora bem! Vejamos.... Que desintelligencia é esta!... Arranjemos isto entre os tres!

Pouco seduzido por este fino e delicado modo de entrar em materia, o presidente encolheu os hombros e não respondeu palavra. Chocado vivamente por isto o barão, mostrou-se a principio mui hostil ao governo de 2 de dezembro. Tel-o-hiam mui provavelmente mandado a Mazas, reflectir no perigo de metter em politica a mão entre a bigorna e o martello, se a sua qualidade de consul geral da Austria lhe não servisse de égide. Hoje Rothschild está em perfeita harmonia com o poder.

Muitas vezes o accusavam, não sem amargura, de se não occupar dos seus correligionarios no infortunio. Diziam-lhe:

— Podieis consagrar-lhes, ao menos, o lucro d'um negocio de bolsa.

Rothschild achou bom o conselho. Uma manobra d'alta, organisada certa manhã, seguida d'uma baixa immediata, produziu cento e trinta e seis contos de réis, que foram logo destinados a construir na rua Picpus a casa de refugio israelita, que estava muito apertada na rua de Trois-frères. O estado quiz entrar n'isto com o valor do terreno.

Rothschild, em logar de tirar dos seus cofres, emprega toda a casta de meios, cheios de originalidade, para procurar fundos ás pessoas que lh'os pedem. Tomaremos dos jornaes um d'esses factos.

Felix S.... industrial de grande merito, obtem uma audiencia do barão Diogo, e lhe apresenta o plano d'uma vasta empreza. Dá explicações, que são approvadas. A idéa parece nova e engenhosa; tem todas as probabilidades de exito. Mas recusam-lhe com obstinação os dezeseis contos indispensaveis ao negocio. O industrial desola-se, mas Rothschild diz-lhe:

— Não ha de que ter paciencia! Segui-me, e n'um instante tereis dinheiro, sem que isso me custe nada.

Dito isto, faz entrar na sua carruagem o industrial, condul-o á bolsa, e passeia com elle de braço dado nos corredores.

Mal se separam, vinte capitalistas cercam o homem honrado com a intimidade do rei das finanças, e se apressam a pôr á sua disposição o seu credito e a sua caixa.

Os mesmos jornaes affirmam que o barão Diogo tinha predicto o resultado d'este novo systema de emprestimo. Elle o teria mesmo aconselhado outr'ora aos provisorios (1848) ouvindo-os queixar-se do retrahimento do numerario.

— Diabo! (dizia elle) sois uns asnos! A França é o paiz mais rico do mundo!

Rothschild tinha razão. D'este lado não lhe falta faro. Sente o ouro a distancia, como o cão de caça a perdiz.

(Continúa).

ACEPHALOS.

Todos nós sabemos, pelos livros e tradições, que os tempos antigos foram as epochas do apparecimento das maiores bellezas e dos mais exquisitos phenomenos humanos. Pois bem. Houve *in illo tempore*, uma certa raça de homens que tinha a cabeça tão pequena e tão mettida nos hombros, que se chegou a tomal-os como homens sem cabeça. Para os distinguir, deram-lhes os outros povos o nome de *acephalos*, palavra vinda do grego. Mais tarde sumiram-se os acephalos, mas a palavra não foi para as classes inactivas. Applicou-se, algum tempo depois, a uns hereticos que appareceram sem chefe visivel ou conhecido, e cujos erros capitaes eram não admittir em Jesus Christo mais do que uma natureza.

Hoje, poderia ainda servir, talvez com melhor justificação, para classificar muita gente heretica do senso commum.

N. S.

PALACIO DO GRÃO-LAMÁ, NO THIBET.

Este palacio-templo merece em tudo a celebridade que goza em todo o mundo.

A um quarto de hora de caminho da capital do Thibet, a cidade de Lha-ssa, ha um monticulo pedregoso, e de fórma conica. Ergue-se do meio d'um largo valle, como ilhéo isolado no centro de grande lago, e tem por nome *Budha-lá*, isto é, monte de Budha, ou monte divino. Sobre este pedestal grandioso preparado pela natureza, edificaram os adoradores do Talé-lamá um palacio magnifico, em que reside em carne e osso a sua divindade viva.

O palacio é formado pela reunião de varios templos, de differentes estilos e grandeza. O do centro tem quatro andares, está a cavalleiro de todos os outros, termina em zimborio inteiramente coberto de laminas de ouro, e é cercado de grande peristilo, cujas columnas são douradas. É alli que mora o Talé-lamá, que do alto d'este elevado sanctuario, nos dias de grande solemnidade, contempla seus innumeraveis adoradores, que formigam na planicie, e vem prostrar-se nas abas da montanha sagrada.

Os palacios secundarios, grupados em redor do grande templo, são vivenda de immensidade de lamás ou sacerdotes de diversas ordens, cuja continua occupação é servir o Budha-vivo, e fazer-lhe a corte.

Centos e centos de milhões d'almas obedecem espiritualmente ao grão-lamá, e piamente acreditam que o espirito de Budha ou de Deus transmigra successivamente pelos corpos dos Talés-lamás, que vão formando a serie dos summos sacerdotes ou pontifices do budhismo.

C.

COMO NA CHINA SE CASTIGA A EMPREGOMANIA.

Os empregos publicos são tão sollicitados na China como na Europa, ou talvez mais, a julgarmos pelas providencias que o governo adoptou.

Em cada tribunal e repartição ha numero fixo ou quadro de empregados, e a lei chineza ordena que, tanto quem for nomeado, como quem nomear individuo para emprego não auctorisado, levará cem açoites de bambú. Se este preceito regesse em Portugal, quanta gente teria sido açoitada!

Ha mais na legislação da China a seguinte disposição, que, se é barbara na pena, não é injusta na intenção:

« Quando quaesquer empregados civis do governo, que se não tenham distinguido por eminentes serviços ao estado, forem recommendados ao imperador como dignos de grandes honras, esses empregados e as pessoas que os tiverem recommendado serão presos e condemnados á morte. »

C.

ENIGMA PITTORESCO.



Explicação do enigma do numero antecedente.

Senhores redactores, assigno para o novo anno d'este semanario. — Liorne.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.